

Sabedoria oriental para produzir alimentos

Família Onoyama personifica o desafio de formar um cinturão verde onde ninguém acreditava que se pudesse cultivar

Warner Bento Filho
de Brasília

Um seguidor da filosofia Seicho-no-ie não deve tentar segurar um amigo que deseja ir embora. Deve agradecer-lhe pelo tempo em que conviveram juntos, pelas coisas que aprendeu com o outro, deixá-lo partir e alegrar-se com isso. A saída dele abrirá espaço para que um novo amigo ocupe este lugar, contribuindo para o crescimento daquele que ficou. Talvez por isso o governador da província de Hyogo, Kishida, se conformou sem muita dificuldade à notícia de que seu amigo, o agrônomo e biólogo Saburo Onoyama, deixaria a terra natal para começar nova vida no outro lado do mundo: num paraíso tropical, a terra do futuro, Brasil.

Era o ano de 1954 e os japoneses lutavam para reconstruir seu país, devastado pela Segunda Guerra Mundial, encerrada nove anos antes. O país inteiro estava quebrado e toda a ajuda era bem-vinda. Principalmente de gente que sabia como produzir comida em abundância. Gente como Saburo Onoyama.

Ao despedir-se da família, Kishida levou de presente para o amigo uma caixa com ferramentas de carpinteiro. O Brasil era aquela grande selva ainda por ser desbravada. Kishida puxou o pequeno Yoshiaki - então com 14 anos - a um canto e lamentou-se: "seu pai vai embora para o Brasil porque quer. Precisamos dele".

Ca-sado com a profes-sora Fumie e pai de oito filhos, Saburo não vinha em busca de fortuna. Ao contrário, deixava-a lá. O pai de Saburo, Tetsu Co, era um grande industrial. Tinha três fábricas de fiação de seda em Hyogoken, onde o agrônomo começou sua carreira profissional. "Saburo desgostou-se", diz Yoshiaki. Deixou o Japão para morar em Bastos, interior de São Paulo. Mas sua segunda vida começaria quatro anos depois, em 1958, quando mudou-se para Taguatinga a convite do Presidente Juscelino Kubitschek.

O agrônomo e biólogo deixaria para trás sua terra natal, família, fortuna, idioma para aventurar-se pelo paraíso tropical. Por quê? "Viemos para sermos úteis", responde Yoshiaki.

Aqui, a família se tornaria, mais que pioneira, símbolo da ocupação de Brasília. Creditou-se a Saburo Onoyama os primeiros estudos sobre a adaptação de diversas espécies de plantas ao clima e ao solo dos Cerrados. Pode-se dizer que a agricultura no Planalto Central nasce com a chegada de Onoyama e outras 24 famílias de japoneses a Brasília. Depois dele, novos emigrantes japoneses se incorporariam ao desafio. Caso dos Wata-

nabe, que vieram para cá a convite de Saburo e formaram o primeiro grupo de agricultores do Núcleo Rural do Riacho Fundo.

No final da década de 50, Juscelino Kubitschek precisava transformar os Cerrados em terras produtivas. Até aquela época, não havia tecnologia para produzir alimentos em Brasília. Praticamente toda a comida vinha de outros estados, particularmente de São Paulo. Hortaliças e outros produtos hortigranjeiros de pouca durabilidade viajavam de avião. JK sofria todo o tipo de oposição contra Brasília. Um dos argumentos era que aqui seria impossível plantar qualquer coisa. E Juscelino queria provar o contrário.

Por ocasião da visita do príncipe japonês Hirohito às obras de Brasília, em 1958, JK comentou que procurava um técnico capaz de transformar os Cerrados em terras que produzissem comida para os futuros brasileiros. Alguém lembrou ao imperador que aquele cientista estava ali, misturado à comitiva japonesa - um agrônomo que vivia, desde 1954, em Bastos, no interior de São Paulo, onde se dedicava à criação do bicho da seda. Seu nome, Saburo Onoyama. Estava feito o convite. Meses depois, a família desembarcaria em Brasília.

A chácara onde se instalaram não tinha sequer energia elétrica. Este serviço só chegou lá quinze anos depois, em 1973.

Ao contrário das promessas oficiais, não havia financiamentos ou quaisquer facilidades. Toda a produção brotou da terra pelas mãos da família. O primeiro cavalo da família Onoyama só foi comprado um ano depois, e pago em quatro prestações.

Conta-se que nove meses depois de sua chegada, Saburo procurou Juscelino com boas novas: o presidente já podia anunciar para o mundo inteiro, se quisesse, que os Cerrados seriam a grande região produtora de alimentos do terceiro milênio. Por que? "Porque toda a semente de flor que plantei germinou. E onde crescem flores, cresce qualquer coisa".

Desde então, Saburo se dedicou a melhoramentos genéticos, adaptações e pesquisas de uma enorme variedade de espécies. Estão na lista a batata-doce, goiaba, abóbora, amora, melancia, abacate, pokan, maçã, pêra, lima, laranja e pomelo, entre outras. Onoyama ficou conhecido por produzir coisas como abacates sem caroço, melancia sem sementes, batatas do tamanho de abóboras, limoeiros que produzem o ano inteiro e mais uma série de estudos.

Enquanto Saburo se dedicava às pesquisas - sem qualquer financiamento - Yoshiaki cumpria a tradição: como filho mais velho deveria cuidar do sustento



Album de família

Saburo, o primeiro à esquerda, e sua família, se despedem do Japão, em 1954, para começar vida nova no Brasil

dos pais na velhice e herdaria a chácara depois da morte deles. Yoshiaki tomou a frente da produção comercial da chácara Onoyama e se dedicou a trabalhos de paisagismo. Hoje, a família se ocupa, além disso, da produção e comercialização de mudas e de flores. Yoshiaki, agora com 59 anos, tem três filhos: Cristiane, de 23 anos, Juliana, de 21, e Rogério Saburo, de 20. O nome Saburo, em japonês, quer dizer o terceiro filho homem, caso do pai de Yoshiaki. Yoshiaki prometeu a Saburo que daria seu nome ao primeiro filho homem que tivesse.

Saburo morreu no dia 9 de abril de 1988, dois dias antes de completar 85 anos, vítima de

uma parada cardíaca. Fazia mais de um ano que ele vivia em uma cama e não conseguia sequer falar, por culpa de um derrame cerebral. A mulher dele, Fumie, havia falecido com câncer mais de 20 anos antes, em 1965. Saburo Onoyama virou nome de parque em Taguatinga.

O pai de Saburo, ao completar 60 anos, no Japão, doou seus bens imóveis a uma fundação que ajudava estudantes carentes. Até hoje, as famílias de agricultores japoneses em Brasília não têm a titulação das terras. Passaram de contratos de arrendamento para concessões de uso que, em sua maioria, expiram daqui a seis anos, no ano 2005. Ao contrário de funcionários

públicos e outros afortunados, que foram presenteados com chácaras como estímulo para virem morar em Brasília, ou como prêmio por terem ajudado na sua construção, os agricultores convivem até hoje com a ameaça constante de perderem suas terras, cada vez mais na mira da especulação imobiliária.

Kumejiro Watanabe, patriarca dos Watanabe que vieram para Brasília, praticante de Seicho-no-ie, morreu em 1991. Uma de suas filhas, a socióloga aposentada Massae Watanabe, ainda se lembra de chegar em casa à noite e ouvir seu pai repetir baixinho, no escuro: "watashi wa kami-nokoda" - eu sou filho de Deus.



O patriarca dos Onoyama se orgulhava das condecorações que recebeu pelo trabalho em sua chácara em Taguatinga (abaixo)



Eduardo Stucker